

# Em despropósito (mixórdia)

Abilio Pacheco



**à Marabá pelo centenário,  
ao povo de Marabá e região e  
ao nosso sonho-desejo-realidade**

Parti de Marabá rumo a Belém num ônibus das 22 horas, que saiu quase meia-noite.

Muitas das histórias desse trecho, tão repetido por mim, são pouco agradáveis de se contar. Delas, das genéricas, pouco ou nada devo explicar aqui; apenas digo ser devido a elas eu não costumar dormir antes de chegar a Jacundá. Quem tem costume nestas plagas sabe que entre uma e outra cidade a distância é de 150 km, cerca de hora e meia, e, no permeio, são duas paradas: a primeira em Morada Nova, ainda Marabá, mas a 12 km da sede do município, ou antes, a 12 km da ponte sobre o Rio Tocantins. A segunda é em Nova Ipixuna, onde minha alma gêmea, Irma, morou – como ela diz – um curto-longo tempo, intermináveis cento e dois contados dias. Lá nos conhecemos e namoramos de início...

Além do receio primeiro dessa viagem: os sócios surgirem de assalto para receber a parcela do capital e dos bens ao qual – julgam – a eles cabe por direito; outro quê a deixar passageiros alertas havia: que ônibus avançasse a mais de 100km por hora em buracos no asfalto, em pistas sem acostamento e outros percalços, talvez nem seja coisa que mereça nota, mas sim que entre a cidade de Irma e aquele incerto bojador havia 11 pontes.

Não tenho muitas aventuras a contar.

Se naquela viagem já me computassem entre os parentes de Irma, eu seria o último a ser lembrado por ela e pelos demais. Também é certo ela bem pouco saber sobre mim até mesmo por culpa de meu silêncio. Embora possa parecer o contrário, eu também não sabia muito sobre ela: rejuntes, arremates. A diferença era ela contar muitas histórias, a fio, enquanto eu não contava quase nada. Só depois entendi que ela escondia contando e eu não contava silenciando. De fato, eu não tinha notícia de parentes meus. Nada a dizer sobre eles e que a tal outra história era de eu bastardo, enjeitado de um fazendeiro, e cedo de idade emancipado de mãe por se pôr em estrada e labuta. Era só o que Irma sabia de mim, enquanto dela eu sabia muito, quase tudo. Era injusto. Era o meu jeito. Também os meus colegas de trabalho, de roda de cerveja, não tiravam muito de mim. Todos contavam histórias, aventuras e vantagens de conquistas amorosas. Eu não tinha o que contar. Minha apatia não era só a política e a conflitos agrários e familiares, era a tudo. Não digo não ser de aventura. Só não era de buscá-las, flertar ou paquerar... Se acontecesse, aí, pimba! Eu via meus colegas se empenharem, procurarem dizer coisas belas e agradáveis, às vezes, mentirosas. Não era difícil cita-

rem versos de poetas – depois delatavam-se as colas –, frases piegas, clichês românticos e textos previstos. Caprichavam na voz. Colocavam expressão no olhar. Procuravam sempre meios e modos de conquistar alguma para não perder a noite, não deixarem o veneno vencer e não se desabituaem. Por isso, mantinham exercício constante, apesar do êxito esporádico. Eu não. Eu sequer arriscava olhares (desnudantes ou coibidos). Diziam-me, se eu me separasse, ia ter de aprender ou reaprender tudo, tudinho. Para morderem a língua, às vezes, acontecia de eu ser escolhido, cortejado, e “acontecer”, caso julgasse valer a pena. Nas ocasiões de eu descartar alguma que não me agradasse, eu tinha a paga de ficar ouvindo pelo resto da noite (em tom de brincadeira) insultos a prolongarem-se por semanas, principalmente porque minha roda de amigos era formado por colegas de trabalho. Mesmo meses depois, eles ainda alfinetavam o meu não-feito, exagerando nas qualidades da preterida ou até depreciando alguma das poucas com quem saí. Para eles, eu era ferrolho. Para me salvar, exigiam relatos sobre tal ou qual paquera. Eu não cedia. Não contava. Não gostava muito de falar. Mesmo com Irma, eu não falava muito. Se eu dizia algum elogio, era só no seu ouvido. Só para ela. Não interessava a ninguém. Ainda dizia muito aos sussurros, a modo de havendo algum microfone escondido, frase alguma seria captada nítida. Sei não haver vantagem nisso, nenhuma vantagem. Assim como não há em contar esta viagem.

Saí de Marabá já perto de meia-noite num ônibus que atrasou não sei porquê. Quando o motorista explicou o motivo, eu não estava no ônibus; também não me importei em saber, apesar do burburinho de atizar a curiosidade. Eu estava cansado, sentia sono. Mesmo assim, me manti desperto até quase às duas e adormeci súbito depois de ver, na praça, em Nova Ipixuna, um casal namorando. Imaginei se eles estariam, como eu e Irma, numa brincadeira de Adão e Eva. Apesar do passageiro ao lado roncar horrores, eu não conferi as onze pontes, nem vi Jacundá ou Goianésia. Dei por mim, tinha alguém sentado no braço da minha cadeira. A pessoa parecia cambalear de sono. O perfume me dizia que era mulher. Eu conhecia aquele cheiro, não só do perfume, mas de mulher; cheiro de mulher madura. Sempre gostei de mulher madura. Cambaleando, aos cochilos e aos solavancos do ônibus, ela

roçava em mim. Num lampejo de poste, a vi: cabelo curto, sobancelha feita, um brinco de pérola. Usava blusa de alcinha. Ofereci-lhe o meu lugar. Pediu-me desculpas por incomodar, agradeceu e negou, pois seria muito estranho se eu, sentado no braço da cadeira, caísse em seu colo. Ri. Rimos. Aceitaria – não fosse incômodo – permanecer ali e aceitaria o apoio de meu ombro ao menos por mais meia hora. Não lhe disse sim ou não, apenas deixei. Ela apoiou a cabeça no meu ombro direito, ficando de costas para mim. Assim eu sentia o cheiro de sua nuca e de seus cabelos. Como eu me movesse um pouco, meu nariz brincava em sua penugem perfumada. O passageiro da janela dormia pesado, parecia ter algum distúrbio de sono. Não se movia, talvez por falta de espaço. Roncava alto a se engasgar. Nós conversávamos aos sussurros muito próximos. Soube por ela que o ônibus não estava lotado, apenas as cadeiras ocupadas e quatro ou cinco pessoas em pé, escoradas ou sentadas nos braços das cadeiras. Preocupei-me com meu hálito. Procurei nos bolsos alguma menta. Só encontrei minha calça muito recheada. Imaginei que ela pudesse interpretar errado e me expliquei. Ela já tinha notado meu estado e disse-me para não me preocupar. Passou o nariz perto dos meus lábios, disse achar minha boca muito gostosa e trocou de ombro, de modo a ficar com a face virada a meu favor. Outro lampejo, vi. Tinha lábios finos, um sinal no buço e outro próximo ao olho. Minha memória sozinha procurou alguém daquele jeito. Isso me cismou um pouco, distraiu-me as mãos e ela – notando – moveu-se como se se espreguiçasse. Mudou um pouco de posição e procurou lugar melhor para as mãos. Daí minha memória achou Marilyn Monroe: o sinal perto dos lábios. Eu senti vontade de sorrir, mas a cachola não deve ter se contido e continuou vasculhando arquivos de imagem. Tentei ignorar, até porque não havia mais nada a lembrar uma na outra. Ela não era loira, tinha cabelos curtos, não tinha os lábios vermelhos e o par de olhos era mais amendoado. Além disso, nenhuma estrela de cinema, na minha memória, tinha aquele cheiro. Quando se moveu novamente devido algum solavanco maior do ônibus, disse-lhe precisar ir ao banheiro. De fato, havia pouca gente no veículo e até alguma cadeira desocupada, desejei encontrar duas vagas e unidas. Isso era pouco provável. Afinal, normalmente as pessoas ocupam as janelas e raramente escolhem sentar-se perto de um estranho.

Voltei para Marabá no ônibus da linha Belém-Goiânia, o mais confortável ou o menos ruim dos que partem às 22:00 na direção do Sul e Sudeste Paraense. O pior é um Belém-Canaã que nunca vai até Canaã. Ou só vendem passagens até Marabá ou chegando em Marabá fazem uma baldeação para uma coisa com pneus. Eu estaria com sorte se ainda houvesse poltronas no Belém-Goiânia. Quando cheguei ao guichê e perguntei se o veículo já partira, o funcionário abriu a porta atrás de si, correu pelas plataformas e fez me esperarem. Esbaforido, providenciou-me o bilhete e, sem me perguntar, riscou o meu lugar no mapa de assentos ao lado de uma figura que tentei compreender. Correu por trás dos guichês e me acenou para cruzar uma catraca no mesmo plano em que estávamos, de modo a diminuir o caminho até o ônibus. É que na rodoviária de Belém tem algo totalmente desinteligente (aliás em Belém tem muita coisa nonsense). Para se embarcar, é necessário descer as escadas rolantes, geralmente quebradas e raramente usadas se boas (quem vai conseguir descer cheio de malas por elas?). Depois de passar por uns quiosques de bugigangas importadas e uma ou outra loja de artesanato local, é preciso passar por uma catraca e subir uma escada (normal, não é rolante) e sair totalmente desnorteado na plataforma de

Saí do hospital no dia em que o monumento feito por Niemeyer referente ao Massacre do 100 foi destruído.

Eu não estava totalmente bom, nunca mais estaria, fiquei troncho. Troncho e crivado de dores do pé direito a pá direita. Dores que não passam. Não sei se aliviam ou se me esqueço delas. Passei a caminhar como Hefestos. Eu deveria estar levando o meu safanão. Isso de mito nos ensina alguma coisa. Foi algo um tanto proveitoso das aulas de História. Ou seria Filosofia? O professor dizia que para os gregos a gente estava pagando coisa de alguma geração lá de antes, de nossos avós, tataravós. Para os cristãos não era diferente, a gente corre o risco de pagar até a sétima geração para trás. Um colega explicou que no espiritismo a gente paga pelos erros que nós mesmos cometemos em encarnações passadas, mesmo não tendo coincidência disso. De um jeito ou de outro: gregos, cristãos e espíritas pensam nisso bem parelho. Eu, cristão católico, peço cá minha licença. Não deveria ser mais certo se cada um pagasse pelo seu mesmo? Talvez por isso gente ruim como meu pai tivesse tanto filho. Para distribuir as penas de tanta maldade feita.

Não duvidava que ele estive envolvido naquilo dos sem terra. Por isso me esquivava de saber de política. Tudo que



Nas primeiras sessões, Jozele disse que não era para nenhum de nós chamá-la de doutora. Eu tinha uma admiração muito grande por seu trabalho estranho. Um dentista abre-nos a boca, mete nos dentes uns ganchinhos, espátulas, usa uns espelhinhos para ver os dentes do fundo. Um ortopedista apalpa aqui e ali num ou noutra osso, pede uma chapa da perna machucada, braço quebrado. Um gastro põe-nos a fazer um exame com um tubo levando uma câmara para filmar tudinho no estômago. Tem médico que nos ouve pulmões e pancadas do coração. Mesmo um neurologista tem algo visível e palpável, aquele exame que sai numa tirinha e parece levantamento de terremoto. Ela não usa nada disso, não tem exame, apalpos, escutas... sabe de nossa doença pelo nosso latinólio. Como era isso? Não me entra na cabeça coisa assim. Por isso mesmo chamá-la doutora. Também era para me deixar mais à vontade. Médico não tem sexo, falava peãozada de fazenda. Outros retrucavam que tinha, por isso mulher sua não ia a ginecologista. Não me ligo a liças do tipo. De minha parte, fazia uso conveniente. Só mesmo anulando se homem, se mulher, se borega, se bela-bela, eu conseguia abrir boca em dentista, tirar camisa em clínica, mostrar o pau em consultório ou bunda em enfermaria. Só assim eu conseguia abrir-me a vida para Jozele.